



A Língua em uso nas aulas de Português: diálogos com a Linguística Funcionalista

GT 10 - ENSINO, CURRÍCULO E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

Relato de experiência

Soila CANAM¹ (Programa de Pós-graduação em Linguística/UNEMAT)

Soila.canam@unemat.br

Bibiana Anjos REZENDE² (Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem/UFMT)

bibianjo@hotmail.com

Luma Kathryn Silva POLICARPO³ (Programa de Pós-

Graduação Stricto Sensu, (Programa

Associado ao Instituto Federal de

Educação, Ciência e Tecnologia de

Mato Grosso/UFMT e Universidade

de Cuiabá – UNIC)

lummapolicarpo@gmail.com

Fayruzi Maria CANAM⁴ (Docente na rede municipal/Rondonópolis)

fayruzicanam@gmail.com

1 Introdução

Neste trabalho apresentaremos um relato de experiência sobre a aplicação do conteúdo frase, oração e período desenvolvidos nas aulas de língua portuguesa no 6º, 6º e 6º na Escola Estadual Padre Firmo – Sala anexa.

A Escola Estadual Padre Firmo tem sua sede localizada na Avenida Rio Branco, residencial Marechal Candido Rondon Distrito Industrial, Cuiabá – MT.

As salas anexas funcionam em outro prédio, no período vespertino, atendendo os estudantes do ensino fundamental II, do 6º ao 9º ano, totalizando cerca de 500 estudantes. Neste mesmo espaço funciona a escola Municipal Darcy Ribeiro, porém, no período matutino. Vale destacar que essas salas anexas estão nesse espaço em função dos esforços dos pais e

¹ Doutoranda em Linguística pelo PPGL – UNEMAT – Cáceres.

² Doutoranda em Estudos da Linguagem pelo PPGEL – UFMT – Cuiabá.

³ Mestra em Ensino (Programa Associado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso/UFMT e Universidade de Cuiabá – UNIC)

⁴ Especialista



responsáveis que se organizaram e foram buscar junto a SEDUC uma solução para que esses estudantes fossem atendidos numa unidade mais próxima de suas residências.

Assim nosso objetivo geral foi examinar como o estudante consegue entender a gramática normativa a partir de situações comunicativas do dia a dia. Especificamente buscamos exemplificar situações dialógicas que ocorrem tanto nos ambientes familiares, quanto nos escolares, a fim de conceituar frase, período e oração.

Dito isso, nossas reflexões partem da premissa sobre a língua em uso e o ensino da gramática. Desse modo, nos ancoramos teoricamente na corrente funcionalista (CASSEB-GALVÃO, NEVES, 2017) pois, entendemos que essa teoria consegue acompanhar a língua em movimento durante as situações de comunicação.

2 A língua funcionando em práticas dialógicas diárias

Após as leituras de textos que versam sobre a linguística funcionalista, decidimos utilizar exemplos de práticas enunciativas do dia a dia, envolvendo situações comunicativas dentro da família e na escola.

Esses espaços, família e escola, são lugares onde os estudantes conseguem estabelecer interação social, portanto, relações comunicativas eficientes. Assim, pensar nessas práticas linguísticas familiares, com mais proximidade com a língua falada, eles teriam mais facilidade para entender o funcionamento da língua esperada pelo Estado.

Isso nos remete aos dizeres de Ataliba⁵ (2000) sobre o ensino da língua na escola. Para o autor, o ambiente escolarizado deveria iniciar o ensino pela língua oral, ou seja, pela gramática natural, aquela aprendida no seio da família, pois nesse espaço privado é que as pessoas conhecem e praticam a linguagem.

Partindo dessas reflexões elaboramos duas metodologias para estimular o estudante a falar, participando da aula, respondendo como se estivessem naquela determinada situação de comunicação. Conforme o passo a passo a seguir.

⁵ Entrevista concedida pelo autor Ataliba de Castilho intitulada Quando se trata de português falado, não existe certo e errado. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NxOmBBgPrp8>. Acesso em setembro de 2024.



3 O passo a passo: entre a teoria e a prática funcionalista da linguagem

Nessa seção, nos dedicamos ao passo a passo de uma aula dialogada pautada na funcionalidade da língua. Nas turmas do 6º G e 6º I aplicamos a mesma metodologia. Colocamos enunciados descritivos, com perguntas e eles teriam que responder no caderno e oralmente.

Vejamos o seguinte enunciado:

1. Imagine que você está conversando com alguém da sua casa, ou um colega na escola, ou o seu professor. E, em algum momento eles farão perguntas, ou irão te cumprimentar. Como você responderia em cada situação dessas?

Quadro 1. Como você responde perguntas feitas pela família, colegas e professores?

Perguntas	Respostas dos estudantes
Oi!	Oi!
Bom dia!	Bom dia! Tudo bem?
Boa Tarde!	Boa tarde!
Boa Noite!	Boa noite!
Como você está?	Tô bem. E Você?
Quantos anos você tem?	Tenho 11 anos.
O que você fez no fim de semana?	* Nada. Só dormi. * Foi bom, me diverti muito. Andei de bicicleta, joguei bola e comi as comidas que eu mais gosto. * Fui na casa da minha irmã. Mexi no celular e depois dormi.

Fonte: Autoria própria (2024).

No quadro acima, há algumas respostas elaboradas pelos estudantes⁶. Trouxemos apenas algumas construções linguísticas para demonstrar as respostas. A última pergunta “o que você fez no fim de semana”, contamos com a participação de todos. Respeitamos a fala, assim cada estudante conseguiu se expressar e construiu sua resposta.

Agora, passaremos para a turma do 6º F. Nessa sala a coleta de dados foi diferente, mas o contexto continuou o mesmo (casa e escola). Dessa vez, o exercício foi feito apenas

⁶ Essa atividade envolveu a participação de duas salas de aula, com aproximadamente 55 (cinquenta e cinco) estudantes.



oralizado. O professor fazia uma pergunta, os estudantes respondiam. Depois o professor anotava no quadro.

Quadro 2. Possíveis situações de conversação em casa e na escola.

Após se levantar, o que você diz para a pessoa da sua casa?	Ao chegar na escola, você encontra um colega, o que diz a ele?	Imagine que hoje é segunda-feira. A professora pergunta: O que vocês fizeram no fim de semana?
Obrigado, Deus, por mais um dia vivo.	Oi, tudo bem?	Cantei na igreja, depois fui comer um lanche, depois tomei um sorvete e fui para casa.
Benção, mãe!	E ai, cara, beleza?	Sai com meu pai.
Bom dia!		Fui com minha mãe ao shopping, brinquei com meu primo e depois fomos para casa.
		Eu estudei matemática. Hoje, fizemos conta e, depois na aula de português estudamos frases.

Fonte: Autoria própria (2024).

O quadro acima apresenta as perguntas realizadas em sala e as respostas dos estudantes. Aqui, escolhemos algumas respostas⁷ para ilustrar nosso trabalho. Tendo em vista que a participação dos estudantes foi sempre expressiva.

Por isso, os professores de língua portuguesa podem pensar na abordagem funcionalista como uma aliada para o desenvolvimento das atividades em sala de aula. A seguir traremos algumas considerações sobre nossas ações e as reações dos estudantes.

4 Algumas considerações

Este trabalho é uma pequena demonstração das práticas pedagógicas de professores do 6º ano da Escola Estadual Padre Firmo, localizada no município de Cuiabá-MT. Nossas ações são pautadas em reflexões teóricas visando sempre a ressignificação do nosso fazer docente e, conseqüentemente, ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos estudantes.

⁷ Nessa turma há cerca de 32 estudantes.



Desse modo, concebemos a língua como um produto social, viva, heterogênea, flexiva, mutável e em constante resignificação. Assim, pensar a língua é também pensar em seus falantes, pois para haver língua é preciso haver um eu que diz para um tu (Bagno, 1999).

Por isso, nosso objetivo é analisar como as situações reais de linguagem possibilitam ao estudante compreender a gramática normativa, ou seja, de que modo as diversas práticas sociais dialógicas que atravessam seu dia a dia são significadas dentro dos conteúdos escolarizados de LP⁸.

Assim, percebemos que independente da forma como os dados desse trabalho foram coletados, por perguntas oralizadas ou escritas no quadro, após a exposição dos estudantes as situações comunicativas, notamos entusiasmo e facilidade na compreensão conceitual. Os estudantes conseguiram demonstrar através de exemplos os seus entendimentos acerca da construção de frases, orações e períodos. Tanto para conceituar, quanto para construir seus exemplos. Desse modo, “o que está abrigado nas lições é, portanto, a língua viva, funcionando e, assim, exibindo todas as possibilidades de composição que estão sendo aproveitadas pelos usuários para obtenção do sentido desejado em cada instância (Neves, 2000, p. 13).

Com isso, consideramos a linguística funcionalista a base teórica que possibilita aos professores de língua portuguesa pensarem nessa relação língua – estudante – situações dialógicas como parte integrante de suas práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico. O que é – e como se faz. Ed. Loyola. 1998. Disponível em: <https://mamaesoucult.wordpress.com/2016/02/06/download-preconceito-linguistico-de-marcos-bagno-em-pdf/>. Acesso em agosto de 2024.

CASSEB-GALVÃO, Vânia; NEVES, Maria Helena de Moura (Orgs.). O todo da língua: teoria e prática do ensino de português. São Paulo: Parábola, 2017.

NEVES, Maria Heleno de Moura. Gramática de usos do português. Editora Unesp. 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3236478/mod_label/intro/MOURANEVES_GramaticaDeUsos_Parte1.pdf> acesso em setembro de 2024.

⁸ Língua Portuguesa.